

## **A negação e o reencontro do objeto pulsional**

*Jorge A. Pimenta Filho*<sup>1</sup>

### **Introdução**

O artigo «A Negação» (*Die Verneinung*) foi publicado por Freud em 1925. Ele encontra-se no Vol. XIX da Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas*, de Sigmund Freud, com o título «A Negativa»,<sup>2</sup> tradução feita a partir da Standard Edition, a publicação inglesa organizada por James Strachey.

Uma primeira indicação é que *Verneinung* não é, estritamente falando, um conceito, mas uma operação que incide sempre sobre uma determinada frase. A palavra *Verneinung* é um substantivo que provém do verbo alemão *verneinen*, que em linguagem corrente pode ser traduzido como «dizer não».

A segunda indicação é que se deve distinguir *Verneinung* e *Abweissung*. Este último termo foi problematicamente traduzido na Standart Brasileira por «denegação»;<sup>3</sup> eis como aparece na frase inicial do referido texto de Freud: «Nós compreendemos que é denegação, por projeção de uma idéia que está surgindo».

---

<sup>1</sup> Sociólogo, Mestre em Educação, Analista Praticante, Membro da EBP – Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano e da AMP – Associação Mundial de Psicanálise. Atua profissionalmente no Hospital das Clínicas da UFMG, junto ao Setor de Saúde do Adolescente e atende em consultório. O presente texto foi originariamente preparado para uma intervenção no Seminário de Leitura e Investigação – IPSM-MG. Belo Horizonte, MG, 01/11/99, a convite de Henri Kaufmanner, a quem o autor agradece pela amabilidade e apreço.

<sup>2</sup> FREUD, S. (1925) *A Negativa*, in: ESB, Vol. XIX. Rio de Janeiro. Imago, 1974: 291-300.

A «denegação» remete para um sentido jurídico que podemos designar como uma não aceitação ou recusa daquilo que emerge na instância do Outro da linguagem.

Para prosseguir, vou retomar outras operações da negatividade que se podem ou não articular com a *Verneinung*. Utilizo neste comentário as elaborações que fiz nos seminários do IPSM-MG – Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.

### Discutindo o texto de Freud

«Agora você pergunta quem pode ser essa pessoa do sonho. ‘A mãe não é’. Nós retificamos: ‘Então é a mãe’. Ao interpretar, tomamos a liberdade de deixar de lado a negação e escolher o conteúdo puro da idéia. É como se o paciente tivesse dito: ‘Certo, me ocorreu que essa pessoa é a mãe, mas não me apraz admitir essa idéia’». (Freud, *Die Verneinung*).

A partir deste parágrafo, podemos inferir que o sujeito se constitui no campo do Outro, e dizer que o «não» do paciente não nega o que foi dito, mas assinala a incompletude da construção por um: «não foi dito tudo». Por estrutura, tudo não pode ser dito ou não há palavras para dizer tudo. Nem tudo é recoberto pelo simbólico: algo falha, escapa, faz resto.

Este «não» diz-nos que o Outro foi barrado – A (A barrado) -, e que a interpretação de Freud se faz a partir dessa falha no Outro: retificamos: «então é a mãe». Desta forma, a expressão

---

<sup>3</sup> Lacan preferiu traduzir *Verneinung* por *dénégation*, precisamente porque não se trata de uma negação simples, mas de uma negação que afirma o contrário do que a frase enuncia. (Nota do editor).

«Não é a mãe» designa a relação do discurso com o Nome do Pai, logo a interdição do objeto pela Lei. Se fizermos uma escansão na frase «não é...», fazemos surgir a relação do sujeito com o ser; e o seu retorno como «não sou» aparece, então, como simbolização primordial. A palavra é a morte da coisa, o *fading* (apagamento) do sujeito, o  $\S$  (S barrado) do ensino de Lacan.

Mais um fragmento do texto de Freud, a propósito da neurose obsessiva:

«Que é que você considera mais inverossímil nessa situação? O que você acha que nesse momento está mais longe de você?...Tenho uma nova representação obsessiva’».

Podemos colocar aqui em destaque o modo de operar do obsessivo, que tem como paradigma esse funcionamento da negação, já que o obsessivo é capturado na infundável alienação do pensar, na extensão do momento de compreender, no protelar da ação sem uma conclusão. Trata-se do sistema construído pelo sujeito para preservá-lo do encontro com a falha no Outro. Freud afirma que “é a mãe” é o sentido exato, aquilo que é recalcado na procrastinação do neurótico obsessivo.

Passamos a comentar agora a articulação entre a negação e o recalque, entre *Verneinung* e *Verdrängung*, que são duas formas da negatividade.

Propomos que a negação é uma suspensão do recalque. Falo de suspensão e não de eliminação ou ação de levantamento do recalque. Há uma suspensão, mas que mantém ou

conserva o recalque. O termo aqui é *Aufhebung*, a suspensão temporária do recalque.<sup>4</sup> É o que, por exemplo, ocorre com o chiste quando há um franquear da censura. Este possibilita que o recalcado penetre na consciência sem afetar basicamente o trabalho do recalque. Permanece, portanto, a divisão subjetiva - § -, com a separação entre a representação e o afeto, um resíduo ou descarga inassimilável, que redundará, por exemplo, na conversão histérica, ou nas intermináveis dúvidas e ruminções obsessivas.

Vejamos agora o que está disposto no 3º parágrafo do texto de Freud:

«Um conteúdo de representação ou de pensamento recalcado pode penetrar na consciência sob a condição de que se deixe negar. A negação é um modo de tomar conhecimento do recalcado, no fundo já uma suspensão do recalque, mas na verdade nenhuma aceitação do recalcado. Vê-se como a função intelectual se separa aqui do processo afetivo. Com a ajuda da negação se faz retroceder apenas uma das conseqüências do processo de recalque, a de não chegar seu conteúdo de representação à consciência. Resulta disso um modo de aceitação intelectual do recalcado com persistência do essencial do recalque. (...) o processo do recalque em si ainda não é com isso levantado».

Freud discute em seguida a questão do juízo ou julgamento.

---

<sup>4</sup> N. A. - «É a palavra dialética de Hegel, que ao mesmo tempo quer dizer negar, suprimir e conservar e, no fundo, suspender». Cf. Jean HYPPOLITE in “Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud» in: LACAN J. - *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998: 893 e segs.

«a tarefa da função intelectual do juízo é afirmar ou negar os conteúdos de pensamento, (...) Negar algo no juízo significa no fundo: ‘Isso é algo que preferiria melhor recalcar’. A condenação é o substituto intelectual do recalque, seu ‘não’, a marca do mesmo, um certificado de origem, algo como o ‘made in Germany’ (...)

A função de juízo tem que tomar duas decisões (...) deve atribuir ou negar uma qualidade a uma coisa e deve conceder ou impugnar a existência de uma representação da realidade. A qualidade sobre a qual deve decidir-se poderia ser originalmente boa ou má, proveitosa ou nociva. Expresso na língua das mais antigas moções pulsionais orais: «(Eu) quero comer isto ou quero cuspi-lo», e numa mais ampla transferência: «(Eu) quero introduzir isto em mim e quero expulsar isto de mim». Assim: Isso deve estar em mim ou fora de mim.’ O eu-prazer originário, quer (...) introjetar-se todo o bom, lançar fora de si todo o mau. O mau, estranho ao eu, o que se encontra fora, lhe é em princípio idêntico.» (FREUD op.cit.).

Sobressai aqui o juízo de atribuição e o juízo de existência. Para se entender a noção de juízo de atribuição, sublinho a operação fundamental que o funda: a *Ausstossung*, a expulsão. Pode-se entender esta noção a partir de Lacan, como o que certifica a perda a que o discurso ou a entrada na lei simbólica condena todo sujeito falante, aquilo que vai materializar o irrepresentável do real no significante e atesta o limite ou impossível de «alíngua» [*lalangue*].

Com estas noções de juízo retomadas de Freud, temos uma distinção definitiva entre psicanálise e psicologia, pois a função de juízo está conjugada às pulsões originais. Não se trata, pois, do sujeito psicológico – fundado na noção de ser – mas de um «desser» [*desêtre*],

a partir do qual se pode localizar o sujeito do inconsciente. O juízo é a função daquilo que, no discurso, afirma e nega.

A afirmação é aqui a afirmação simbólica, *Bejahung*. É a afirmação do corpo simbólico que promove a introdução de um significante fundamental (o NP, o Nome-do-Pai, inscrito edipicamente) na constituição do sujeito. Só haverá recalque – *Verdrängung* – se houver essa afirmação inicial. Este mecanismo é também necessário e prévio à *Verneinung*, a operação que destaca o retorno do recalcado: (não) é a minha mãe. A função do juízo é indissociável da lei do discurso. Negar é o exercício da função que afirma o elemento irreduzível, a barra separadora entre significante e significado: S/s.

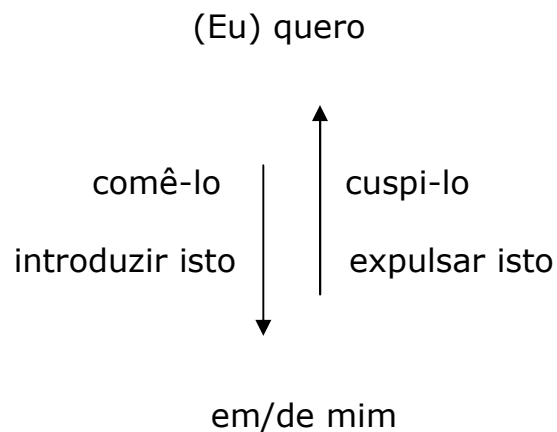
A Negação (*Verneinung*), operando o retorno do recalcado, possibilita que certos significantes se libertem e fiquem à disposição na cadeia discursiva.

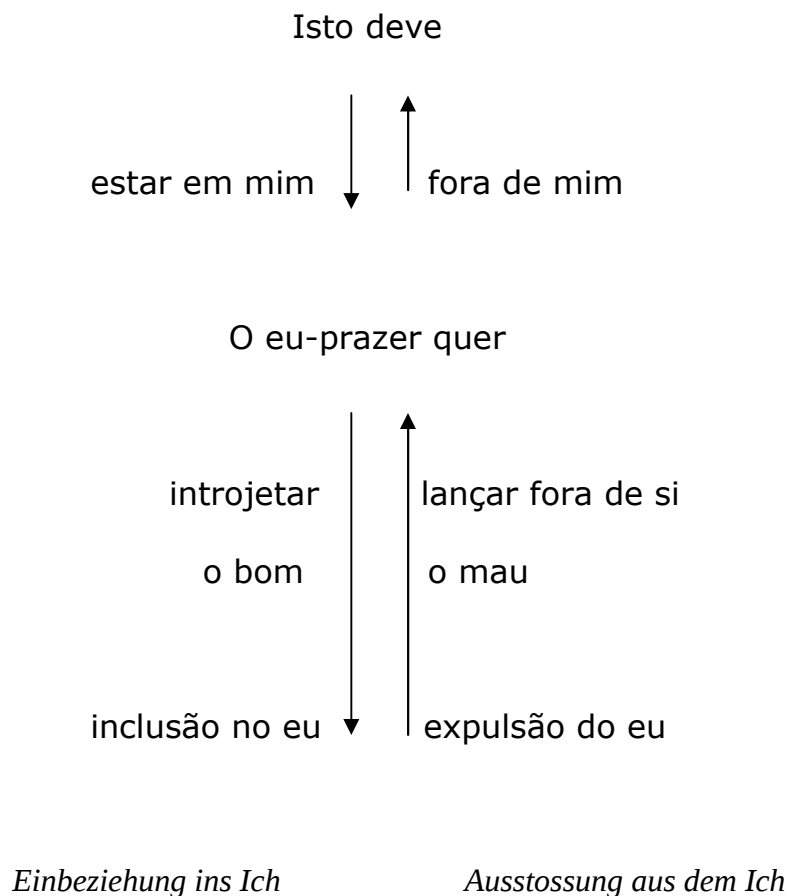
«O estudo do juízo talvez nos abra a visão, pela primeira vez, para o surgimento de uma função intelectual a partir do jogo das moções pulsionais primárias. O julgar é a evolução objetivada da inclusão no eu ou expulsão do eu, realizadas originalmente conforme o princípio do prazer».

Freud afasta aqui toda a possibilidade de pensar as pulsões ditas primárias fora do campo da linguagem. Ainda mais: a pulsão habita a função orgânica numa relação que não é nem de apoio, nem de complementaridade, mas de subversão. A pulsão só é concebível porque o sujeito fala, e que ele fala sem saber; ou, como se pode também dizer, que o sujeito fala para além do que acredita dizer.

A *Bejahung* é o que constitui a afirmação simbólica primeira, correlacionada com a inclusão significativa, *Einbeziehung ins Ich* (literalmente: inclusão no eu), ela comporta uma *Ausstossung aus dem Ich*, uma expulsão do eu, ou seja, o que constitui o real excluído da ordem simbólica.

Podemos representar essas operações através do seguinte esquema:





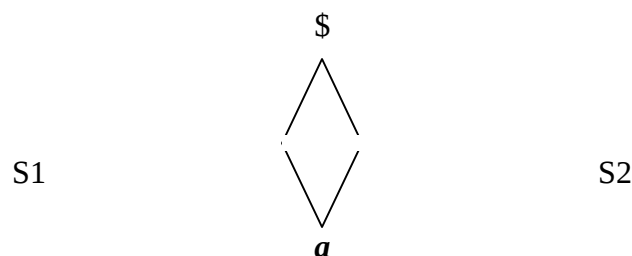
Articulando estas noções de negatividade, diremos que a negação ou *Verneinung* se constitui como a sucessão de uma expulsão; e que a *Ausstossung* se estabelece sobre a possibilidade de uma *Bejahung* (afirmação simbólica), isto é de uma frase afirmada, que pode ser riscada ou objeto de uma elisão significativa. Esta já se encontra na matriz da *Verneinung*, determinando o lugar do sujeito no corte da cadeia significativa.

A *Verneinung* afirma o sujeito no lugar em que a coisa deixa de existir. Pelo princípio criacionista do significante, a coisa já «era». O sujeito inconsistente da cadeia significativa é então introduzido como «falta-a-ser», vem a esse lugar na ignorância da sua causa, recebendo do real a condição do desejo.

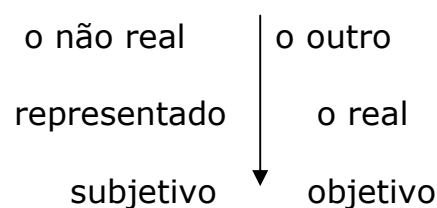
O desejo é a metonímia incessante desta falta, marcado como tal pelo  $-\phi$  (menos-fi, minúsculo) da castração. A *Verneinung* funda, pois, a pergunta sobre a existência do sujeito.

No campo do Outro, não há significante que represente o sujeito. É a falta que funda estruturalmente o campo da representação. O objeto ex-siste fora desta.

Para que haja surgimento do sujeito, a condição estrutural é que, entre os significantes da cadeia simbólica, se localize de um lado o barrado inconsciente e, do outro, a queda do objeto **a**. Os objetos que outrora traziam satisfação ao sujeito perdem-se. A condição da prova de realidade passa a ser o objeto perdido, o resto caído da outra satisfação.



Assim se consolida, ao nível do funcionamento psíquico, a distinção entre o subjetivo e o objetivo.



$$\$ \diamond a$$

## Conclusão

A extração ou queda do objeto **a** — resto da operação simbólica de separação no campo do Outro - é a condição absoluta da prova de realidade e, concomitantemente, do surgimento do desejo.

Temos, assim, a distinção de duas regiões e elementos heterogêneos: o subjetivo, representado, dentro; e o objetivo, real, fora.

O sujeito mantém-se indeciso na vacilação entre dois significantes; e o irrepresentável objeto **a** faz a sua aparição fora do sujeito.

O campo da realidade é sustentado pelo fantasma. Freud nunca considerou a realidade como padrão objetivo de medida ao qual o sujeito deveria se adaptar, pois para ele a realidade é atravessada pelo filtro do fantasma, que fornece consistência ao «pouco de realidade» que marca todo o ser falante.

Evoco finalmente a *Verwerfung*: a «foraclusão» (preclusão), termo freudiano que Lacan sublinha como mecanismo específico da psicose, onde, diferentemente da neurose, não há a afirmação simbólica inicial, a *Bejahung*.

A *Verwerfung* como ausência da função do Nome do Pai ( $P^o$ ,  $P$  índice zero), implica a rejeição do juízo primário e a carência do efeito metafórico substitutivo, logo a impossibilidade de significar a realidade psíquica com a marca do Falo (há na psicose um  $\Phi$ ,  $\Phi$  índice zero). Os efeitos desta carência retornam como gozo ao real. Daí o não-dialético da

pp.30-40

psicose: formas de intrusão de gozo, petrificação do objeto, ausência de laço social ou fora-discurso.

No reencontro com o objeto pulsional, há, pois, um abismo entre a negação como *Verwerfung* e a negação como *Verneinung* (e como *Verdrängung*).